

RECENSÃO

“Olhar o Mundo como Arqueólogo”, por Vítor Oliveira Jorge, Coimbra, Quarteto Editora, 2003

A obra em análise, “Olhar o Mundo como Arqueólogo” organiza-se em três secções, I – “Arqueologia e Pré-História: alguns tópicos de reflexão”; II – “Arqueologia, história e património – reflexões em torno de vivências do tempo e dos lugares”; III – “Monumentos, mensagens, territórios – reflexões de um pré-historiador português”, e reúne um conjunto de crónicas publicadas no “Jornal de Notícias”, e que foram actualizadas e remodeladas de molde a poderem ser dados ao prelo na presente edição, e um outro grupo de textos que pretendem problematizar a arqueologia enquanto disciplina e o papel da mesma enquanto “parceira social”, bem como outros escritos mais centrados na experiência do pré-historiador.

Cruzam-se múltiplos olhares neste livro “Olhar o Mundo como Arqueólogo”. Tantos como é possível cruzar numa disciplina que não convive apenas consigo própria, porque, como a própria História, encontra na “polifonia e na multivocalidade” o seu maior interesse.

É no encaicho de uma história plural que Vítor Oliveira Jorge se posiciona como arqueólogo. Como o próprio autor admite, no Prelúdio” desta obra, “ser historiador sem ser evolucionista significa escrever uma história plural; uma história observada de múltiplos pontos de vista, de acordo com os valores das várias civilizações e culturas (...). Significa, em suma, ser também antropólogo, multiplicar os ângulos de visão”.

A Arqueologia “é não só uma forma alternativa de história, como uma herança peculiar no modo de ver o mundo. E portanto o seu objecto é todo esse mundo, material, e preche de significações, que nos rodeia: a paisagem, o território...”. O território assume-se assim, para VOJ, como o “grande artefacto” ou “palimpsesto, o resultado de uma acumulação milenar de acções e experiências” que o arqueólogo deverá tentar desvendar.

Mas é também como construtor ou como “anti-essencialista” que o autor se parece situar, porque, admite-o, “com as nossas observações e restauros, construímos esses sítios (arqueológicos)”. Os lugares do Passado não são essências ou entidades estáticas, a partir das quais se possa ler uma “História” una e inequívoca, porque a Arqueologia, tal como a História, é fruto de um Tempo e de um Lugar. E são os múltiplos olhares sobre os espaços que produzem a(s) realidade (s), “em íntima conexão com a ordem social e com a cosmovisão que as técnicas de produção em geral lhe permitem”.

E portanto a própria disciplina é, em si mesma, um importante património, vivo, e em “transformação semântica constante”.

É convicto dessa transformação constante que Vítor Oliveira Jorge nos introduz, em termos gerais, aos quadros mentais que, do seu ponto de vista, moldaram as grandes etapas de evolução epistemológica da arqueologia.

Embora partilhando também da crença de que a Arqueologia não se pode distanciar da sua própria História, não poderemos deixar de estranhar como não se questiona Vítor Oliveira Jorge de que modo o seu olhar (e dos autores cuja linha de pensamento prossegue) está também impregnado de ideologia, quando pretende apresentar, de forma quase linear uma “historiografia” da evolução dos paradigmas em arqueologia. Que não se apresse a clarificar-nos melhor o quadro de pensamento em que se move (se bem que o faça noutros momentos) e que permitiu ler essas “etapas epistemológicas”, essa Arqueologia da Arqueologia, pois ao querer organizar os paradigmas, está o autor a produzir parâmetros de análise também eles impregnados de um tempo e de um lugar.

Não pretendo com isto dizer que pudesse Vítor Oliveira Jorge fazer a história do próprio momento vivido, nem tão pouco que isso seja caminho possível para a disciplina, porque ela exige, aliás, distanciamento. No entanto, se se pretende uma história plural, se se admite uma leitura caleidoscópica da realidade, há que enquadrar essa leitura com os pressupostos subjacentes à análise que se faz, pois só a sintonia entre os mesmos permite dar coerência a um determinado olhar e a um determinado discurso.

Vítor Oliveira Jorge, cuja escrita pretende ser tão veloz como o pensamento, como refere Jorge de Alarcão no “Preâmbulo” desta obra, parte do princípio que o leitor desvendará o seu quadro de pensamento ao longo do livro, situação aliás bem plausível para quem curiosamente siga a viagem por entre as suas páginas. No entanto, um leitor mais desatento ou que não se dê ao trabalho de ler a obra no seu conjunto e se atenha apenas ao seu “Prelúdio”, poderá ficar com uma sensação, do meu ponto de vista completamente deformada, de que o autor partilha da ideia de que em História, como nas outras ciências, tudo é relativo. É óbvio que é, também o é singular e subjectivo, mas as leituras não são nem fluidas, nem casuísticas, têm um corpo metodológico e conceptual que carecem de validação e que lhes dá forma de “realidade”.

É isso é bem claro quando VOJ fala enquanto Pré-Historiador e nos remete para os “Espaços conceptuais pré-históricos”, pois aí, mais do que nunca ao longo da sua obra, é óbvio que parte de pressupostos bem assentes quanto à relação que o Homem estabelece com a Natureza (que do meu ponto de vista têm, não obstante, algo de preconceituoso, até porque ainda demasiado imbuídos da tradição genésica bíblica que justifica a distinção homem-animal/natureza).

Contrariamente ao que expressa quanto à intangibilidade de uma História tão distante – a Pré-História – VOJ pretende no seu “**Prelúdio**” explicar de forma talvez demasiado esquemática o que talvez seja mais difícil de vislumbrar sobre o Passado: a forma como o Homem olha para o mundo que o rodeia e como sobre ele constrói uma linguagem, um pensamento, uma religião, uma “arte”.

Entende-se como e porque o faz, porque todos julgamos ter uma explicação para as matérias que julgamos melhor conhecer, ou para as quais mais nos habituámos a olhar. Contudo, é aí mesmo que devemos redobrar a nossa acuidade, pois é nesse espaço quase “doméstico” **que se semeiam os nossos pré-conceitos, se moldam os nossos comodismos, principalmente quando partimos do princípio que a nossa linguagem é facilmente descodificada.**

Aliás não é por acaso que a última parte desta obra dedicada a “Monumentos, Mensagens, Territórios” nos dá uma perspectiva muito mais alargada sobre a forma como o Homem se foi apropriando simbolicamente do Território; como foi gradualmente construindo uma “paisagem inteira, segundo uma ordem que obedece a uma cosmologia”; ou seja, como foi concebendo

projectos ou cenografias onde cada vez é mais distanciada a concepção do produto final; como foi enformando as suas criações “artísticas”.

É no Capítulo 1 “É o Pré-Historiador um Historiador como os Outros? Uma Introdução ao Problema”, que funciona, do meu ponto de vista, como a verdadeira introdução deste livro, que Vítor Oliveira Jorge esclarece os instrumentos conceptuais que moldaram o seu pensamento, e problematiza, com uma extrema acutilância, o papel da “História” plural, “sempre em construção e desconstrução”, enquanto agente de um “sentido de conjunto para a acção humana, que tem de admitir certos consensos, estabelecimentos de prioridades, e portanto uma certa aceitação colectiva de uma visão, pelo menos, maioritariamente admitida”.

É aqui que o autor nos faz, de facto, um repto no sentido de reflectirmos conjuntamente sobre o que são as fragilidades e fortalezas do pensamento histórico ocidental (enquanto narrativa que dá sentido ao devir) e de que forma ele foi e é (ou não) moldado por uma “filosofia da história”.

É ainda aqui que Vítor Oliveira Jorge tenta responder a algumas questões a que anteriormente me referi, nomeadamente de que forma a subjectividade em História não é apenas fruto da impossibilidade de “tudo ser contado” pelo mesmo sujeito, mas também porque quanto mais amplo e reflexivo é o trabalho de análise sobre alguns aspectos do passado, mais a impregnado desse mesmo sujeito o é.

A subjectividade é, portanto, causa e efeito de um adensamento da análise e do conhecimento que um sujeito (ou grupo de sujeitos) faz sobre um determinado problema; porque se aprofunda cada vez mais a teia de relações que a partir dele se cria não é possível senão seguir um caminho quase solitário na tentativa de lhe dar resposta; porque nem tão pouco é possível ou viável que uma comunidade inteira se debruce com a mesma acuidade aos mesmos problemas.

Mas também é subjectiva porque não há História neutra, porque toda ela está impregnada de uma certa de olhar de quem a faz e a quem serve, ou seja, implica ter “perspectiva”, “olhar de um certo ângulo”.

Valendo-se de um “referencial de verdade” como o próprio autor refere, a História serve-se de documentos que a tornem credível, e carece de validação/certificação de uma comunidade de especialistas ou de “aficionados”.

Pelo facto de a História se estar permanentemente a rescrever, como “fluir contínuo”, porque o “tempo cria permanentemente o novo”, também esse próprio fluir gera com a mesma dinâmica a perda de valores e símbolos anteriormente aceites, alguns dos quais acabando por constituir o acervo do denominado “Património” cultural.

Empacotado ou musealizado como “cápsula de eternidade” o património cultural viabiliza, a seu modo, um discurso sobre o Passado, o Presente e o Futuro, pois qualquer narrativa construída a partir desse Património (do qual apenas se conhece ou elege uma parcela) é sempre selectiva e vincula, portanto, uma ideia, um projecto.

Na III Parte, intitulada “Monumentos, Mensagens, Territórios – Breves Reflexões de um Pré-Historiador Português”, e particularmente no seu Capítulo 1, VOJ aborda a “arqueologia dos monumentos”: os “monumentos” que se inserem e entrosam num determinado território, introduzindo uma descontinuidade significativa; os “monumentos” enquanto frutos de um acto voluntário, ao qual está subjacente um projecto, uma “intenção de perdurabilidade” e uma mensagem.

A análise que faz, na senda de muitos dos trabalhos pioneiros de Susana Oliveira Jorge, sobre a monumentalização do espaço e a apropriação “arquitectónica” do território aplicada à

Pré-História recente é em Portugal absolutamente inovadora, rompendo com muitos dos pressupostos e dicotomias em que assentava a investigação.

Apenas para terminar, não poderia deixar de manifestar a minha admiração, quando confrontada na leitura desta obra, com uma certa nostalgia ou mesmo moralismo pessimista do autor ao debruçar-se sobre alguns aspectos da actualidade. Assumindo-se teoricamente Vítor Oliveira Jorge como “anti-essencialista”, admitindo que a História é uma narrativa que permite tornar inteligíveis testemunhos, sítios e paisagens numa teia de relações em que o tempo é motor, e que essa narrativa é sempre fruto de um olhar, de uma perspectiva, não poderemos deixar de ficar surpresos, pois aparece-nos quando se debruça sobre o Presente perplexo, senão aterrorizado, ou mesmo impregnado do dogmatismo que repudia, com a fragmentação e esboçoamento com que, do seu ponto de vista, a sociedade se confronta, ao ponto de aceitar tratar-se de uma “sociedade de crepúsculo”, baseada em bases “absolutamente imorais e insuportáveis” ou ainda “atrozmente errada e injusta”.

Ora, crente que nos parece ser relativamente ao poder do documento e da palavra, bem como da validação que um grupo de sujeitos faz sobre um determinado discurso sobre o Passado, não esperávamos vê-lo tão angustiado face a um presente, sem dúvida de encruzilhada, mas onde é, do meu ponto de vista, mais do que nunca possível construir, a partir de múltiplos olhares subjectivos, diversificadas histórias, mais democráticas e de sentido mais amplo.

Falta-lhe mesmo e apenas, porque como mestre que é, e será aos meus olhos, todas as perguntas já formulou, tentar cruzar o seu olhar com mais olhares interrogativos e acreditar também que entre eles se pode ainda criar o diálogo e que é possível através dele semear a solidariedade e o companheirismo. Mas para isso é também vital que o nosso olhar possa ler e reler o que VOJ nos diz, pois está repleto de tanta coisa que podemos aprender.

Maria Filomena Barata

IPPAR, Évora

